

5.5.1963

LITERATURA

J. Aderaldo Castello, TEXTOS QUE INTERESSAM À HISTÓRIA DO ROMANTISMO. S. Paulo, Conselho Estadual de Literatura, 1960, 230 pp.

Deplorava há tempos eninente crítico de nossas letras a pobreza da historiografia literária brasileira. E citava o exemplo da França, país cujo passado literário foi esquadrihado em sua quase totalidade, facultando umajuizamento crítico mais rigoroso de seus valores.

No Brasil, essa obra de investigação histórica, necessária a uma abordagem primeira da Literatura, está por fazer, não obstante lhe haver Sílvio Romero, há mais de meio século, imprimido significativa aceleração. No capítulo Romantismo, há uns vem o Prof. José Aderaldo Castello trabalhando, coligindo documentos, de que resultaram Goncalves de Magalhães. Introdução, seleção e notas por José A. Castello. S. Paulo, Editora Assunção Ltda., 1946; A Introdução do Romantismo no Brasil. S. Paulo, Duplicadora Universitária, 1950; A polêmica sobre "A Confederação dos Tamoiós". Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1953; "Pródromos do Romantismo no Brasil", in A Literatura no Brasil, vol. I, tomo 1. Rio de Janeiro, 1956.

Saem à luz, agora, os Textos que interessam à história do Romantismo. A obra reúne prefácios e juízos críticos dos AA. ligados à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, "um dos principais centros das manifestações românticas no Brasil" (p. 3). Alinham-se, dessarte, trabalhos dos seguintes poetas, precedidos de uma breve notícia crítica e bibliográfica: José Bonifácio de Andrada e Silva, João Salomé Queiroga, Francisco Adolfo Varnhagen, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, Luís Nicolau Fagundes Varela e Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (dêste último poeta, já agora, temos a excênante edição organizada por Alphonsus de Guimaraens Filho, publicada pelo INL, R. de Janeiro, 1959).

Algumas observações sugere a leitura dos Textos. Inicialmente, pode-se evidenciar a distância bem demarcada entre duas gerações românticas quando se compara um José Bonifácio de Andrada e Silva, maduro e refletido, a um João Salomé Queiroga (enjos trabalhos J. Stokler vê o "céu puro e cerúleo |sic!| do nosso Brasil-p. 51-), ou a um Álvares de Azevedo, com seus grandiosos e pernósticos quadros da História, num alardear fácil de erudição, símbolo

eloqüente de sua juvenildade (cf. pp. 109, 114 e 131).

Extremadas são, também, as posições do mesmo João Salomé Queiroga e Francisco Adolfo Varnhagen, no respeitante ao problema da língua brasileira: enquanto o primeiro crê na diferenciação do português na área brasileira, sob o influxo do clima, uso e costumes (p. 41), declarando mesmo que escreve "em nossa idioma, o luso-bundo-guarani" (p. 34), o segundo, numa intuição do que a Filologia viria a reconhecer, reduz aquela diferenciação ao campo da entonação (p. 75).

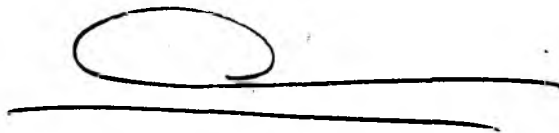
Por outro lado, tratando-se de publicação destinada a recolher a expressão da atitude crítica de diversos AA. com referência à própria obra, a leitura dos Textos põe em tela o problema da validade desses juízos críticos, quando se tiver em vista a apreciação definitiva do movimento romântico brasileiro.

Não resta dúvida que se pode fugir ao risco de passar em branco os sentimentos e as idéias dum período literário quando se conhece a posição crítica dos próprios AA. que o compõem.

Parece, contudo, que não se deve enfatizá-la muito, pois a peça literária, segundo pensam alguns, é o resultado de um processo de acumulação, de acrescentamento, e representa um marco na evolução literária. Dada à obra de literatura esta perspectiva histórica, é patente que o valor da intenção do A. será reduzido às suas reais dimensões, e bem assim seu trabalho de autocrítica, expressão daquele intento.

Concluindo, parece-nos que uma avaliação crítica do Romantismo, que os trabalhos de J. A. Castello ficam a exigir, não podem desconsiderar tais ponderações.

Ataliba T. de Castilho



Em de ... de 67 e
recolhidos em 15-2-62

